



---

**SUPOORTE EDUCACIONAL ON-LINE AOS ALUNOS COM DEFICIÊNCIA  
INTELLECTUAL NO ENSINO SUPERIOR**

---

**ONLINE EDUCATIONAL SUPPORT FOR STUDENTS WITH INTELLECTUAL DISABILITIES IN  
UNIVERSITY EDUCATION**

---

**SUPOORTE EDUCATIVO ONLINE PARA ESTUDIANTES CON DISCAPACIDAD INTELLECTUAL EN  
EDUCACIÓN SUPERIOR**

---

Aline Alvernaz<sup>1</sup>  
Mariana C. P. Oliveira<sup>2</sup>

**RESUMO**

Este artigo tem por objetivo apresentar uma ação de suporte educacional on-line aos alunos com deficiência intelectual do curso à distância da Licenciatura em Educação Especial da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Foram acompanhados dois alunos com deficiência intelectual por meio de reuniões on-line e suporte em tarefas cotidianas por WhatsApp. Os desafios apresentados pelos alunos foram organizados em três grupos: gestão da rotina acadêmica, dificuldade no letramento digital e capacitismo. Observamos que as ações decorrentes do suporte educacional on-line foram profícuas para acessibilidade e ciberacessibilidade dos estudantes. E destacamos que as questões relatadas pelos alunos são um alerta para o desenvolvimento de ações contundentes de combate ao capacitismo no Ensino Superior na perspectiva de uma Pedagogia Descapacitista.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação Especial. Deficiência Intelectual. Inclusão Educacional. Capacitismo.

**ABSTRACT**

This article aims to present an online educational support action for students with intellectual disabilities on the distance learning course of the Degree in Special Education at the Federal Rural University of Rio de Janeiro. Two students with intellectual disabilities were supported through online meetings and support with daily tasks via WhatsApp. The challenges presented by the students were organized into three groups: managing the academic routine, difficulties with digital literacy and ableism. We observed that the actions resulting from online educational support were beneficial for students' accessibility and cyberaccessibility. And we highlight that the issues reported by the students are a warning for the development of strong actions to combat ableism in Higher Education from the perspective of a Disableism Pedagogy.

**KEYWORDS:** Special Education. Intellectual Disability. Educational Inclusion. Ableism.

**RESUMEN**

Este artículo tiene como objetivo presentar una acción de soporte educativo online para estudiantes con

---

**Submetido em:** 27/05/2024 – **Aceito em:** 12/07/2024 – **Publicado em:** 15/10/2024

<sup>1</sup>Professora do curso de Licenciatura em Educação Especial da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Núcleo de Acessibilidade e Inclusão – NAI/UFRRJ. [alinealvernaz@ufrj.br](mailto:alinealvernaz@ufrj.br)

<sup>2</sup>Professora do curso de Licenciatura em Educação Especial da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Coordenadora do Núcleo de Acessibilidade e Inclusão – NAI/UFRRJ. [marianapitanga@ufrj.br](mailto:marianapitanga@ufrj.br)

discapacidad intelectual del curso a distancia de la Licenciatura en Educación Especial de la Universidad Federal Rural de Río de Janeiro. Dos estudiantes con discapacidad intelectual fueron apoyados a través de reuniones online y apoyo en tareas diarias vía WhatsApp. Los desafíos presentados por los estudiantes se organizaron en tres grupos: manejo de la rutina académica, dificultades con la alfabetización digital y capacitismo. Observamos que las acciones resultantes del soporte educativo en línea fueron beneficiosas para la accesibilidad y ciberaccesibilidad de los estudiantes. Y destacamos que las problemáticas reportadas por los estudiantes son un aviso para el desarrollo de acciones contundentes para combatir el capacitismo en la Educación Superior desde la perspectiva de una Pedagogía de la Discapacidad.

**PALABRAS CLAVE:** Educación Especial. Discapacidad Intelectual. Inclusión Educativa. Capacitismo.

## INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas foi possível identificar um grande movimento em favor da Educação para todos (UNESCO, 1990; 1994; BRASIL, 1996; 2008; 2015) que ampliou significativamente a entrada dos alunos público-alvo da Educação Especial (alunos com deficiência, TEA – transtorno do espectro autista, altas habilidades/superdotação) na Educação Básica (BRASIL, 2008). Diante disto, observamos que as demandas advindas destes alunos com deficiência chegam agora também na sua trajetória de vida e formação na Universidade. Face a este contexto, garantir não somente o acesso e permanência, como também a conclusão dos cursos do Ensino Superior tem sido um dos grandes desafios que no cenário educativo se apresenta.

Os suportes educacionais da Educação Especial na Educação Básica são uma realidade nas escolas brasileiras e estão em constante desenvolvimento e implementação. O Atendimento Educacional Especializado (AEE) como política pública educativa (BRASIL, 2008) tem sua expansão constante nas redes de ensino, como também observamos iniciativas de ensino colaborativo (MENDES; VILARONGA; ZERBATO, 2022) e a presença de profissionais de acessibilidade, como mediadores de aprendizagem, intérpretes de LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais), cuidadores, guias, como estruturante de uma Educação Especial que dá suporte para a inclusão das pessoas com deficiência.

No Ensino Superior ainda notamos pouco a pouco a incorporação de práticas e políticas que sejam condicionantes na elaboração de suportes educacionais aos estudantes com deficiência. Observamos que as ações ainda são pontuais focadas na ideia da “adaptação” e não na acessibilidade educacional e curricular. Porém é possível notar que esses suportes iniciam seu movimento de estruturação através da organização dos Núcleos de Acessibilidade e Inclusão (NAIs) das Universidades, que assumem protagonismo, em 2005, a partir da criação do Programa de Acessibilidade na Educação Superior (Incluir) e posteriormente no Decreto nº.

7611/2011 (Brasil, 2011), com a função de promover a eliminação de barreiras na participação e no desenvolvimento de estudantes com deficiência no Ensino Superior.

Diante desse cenário, defendemos que os Núcleos de Acessibilidade e Inclusão (ou outros setores que desempenham essa função) devem ser compreendidos de forma estratégica, transversal e intersetorial no Ensino Superior. Em outras palavras, ainda que os Núcleos possuam papel central nas ações de acessibilidade e suporte educacional para os estudantes com deficiência, vale ressaltar que as barreiras encontradas no ensino, pesquisa e extensão desses estudantes não é (ou não deveria ser) responsabilidade exclusiva dos Núcleos. Ações inclusivas precisam perpassar o imaginário de toda a comunidade universitária (atores e instâncias) em defesa da Educação enquanto direito e da diversidade humana. Ações que viabilizem mudanças sociais e epistemológicas (PLTESCH; MELO; CAVALCANTE, 2021).

Desta forma, este artigo tem por objetivo apresentar uma ação de suporte educacional on-line a dois estudantes com deficiência intelectual<sup>3</sup> do curso Licenciatura em Educação Especial (LEE) da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), na modalidade Educação à Distância (EAD), em parceria com o Núcleo de Acessibilidade e Inclusão (NAI) da mesma universidade a fim de problematizar a organização dos suportes educacionais aos estudantes com deficiência no Ensino Superior. Para tanto, organizamos esta discussão em três momentos: no primeiro momento apresentamos a potência da cibercultura como cenário contemporâneo que condiciona e suporta nossas ações e produção de conhecimento. No segundo momento abordamos os suportes educacionais on-line como potência do digital em rede na efetivação de práticas educativas na Educação Especial, em um relato de experiência. E por fim, refletiremos sobre os desafios e possibilidades da inclusão no Ensino Superior pelo viés de uma Pedagogia Descapacitista como urgência de ruptura com o capacitismo e construção de *formasoutras* de *ensinaraprender*.

## A CIBERCULTURA E O SUPORTE EDUCACIONAL ON-LINE

A cibercultura, a cultura contemporânea mediada pelo digital em rede (SANTOS E., 2019) atravessa, nossos cotidianos, de forma significativa, provocando mudanças radicais nos modos e meios de produção e de desenvolvimento de todas as esferas das atividades humanas, seja nas escolas, no trabalho, na comunicação, no entretenimento, na aprendizagem, entre muitos outros parâmetros.

<sup>3</sup> Embasadas por OLIVEIRA (2022), ressaltamos que, a partir dos pressupostos conceituais de inclusão educacional com base nos direitos humanos e na diversidade humana, não temos como objetivo discutir as particularidades desses sujeitos no que se refere a deficiência intelectual.

Para Santos E. (2019, p. 20) “a cibercultura é a cultura contemporânea que revoluciona a comunicação, a produção e circulação em rede de informações e conhecimentos na interface cidade-ciberespaço” fazendo emergir novos arranjos espaço temporais e com eles, novas práticas educativas. Nesse fluxo, conceitos, como: inteligência comunicativa, ou inteligência pedagógica suportada pelo digital, processos de cocriação, interatividade, colaboração, hipermídia, entre muitos outros, que se apresentam na construção cotidiana, atualizam-se, constantemente, criando um vocabulário próprio, e dando sustentação a sua existência como epistemologia, não podendo ser analisada apenas como uma questão de infraestrutura tecnológica, adverte Santos, E. (2005, p. 124), “ainda que esta seja uma de suas principais”.

O ciberespaço<sup>4</sup> possibilitou-nos viver numa sociedade conectada, hipertextual e colaborativa. Na Web 1.0 temos o fenômeno dos blogs como meio de se habitar/explorar o ciberespaço. Os computadores da época eram desktops, computadores de mesa, fixos (cidade) e conectados por fios (ciberespaço) a *Internet*. Havia um condicionamento corporal e territorialmente demarcados. Os blogs autorais, com sua escrita hegemônica, se propunham a publicizar diferentes conteúdos. Havia um polo emissor e outro receptor, sem a possibilidade de interações entre eles, tudo isso com muitos desafios de conexão e qualidade. Quem lembra deste som? **QRcode**



Enquanto as palavras de ordem eram disponibilizar, buscar e ler, na *Web 2.0*, ou *web social*, os processos colaborativos e arquiteturas participativas de produção, tais como *blogs*, *podcasts* e redes sociais digitais, tomam conta da comunicação.

Para Lemos (2004), a liberação do polo de emissão altera o modelo clássico unidimensional de comunicação, criando espaço para a interatividade. Por seu turno, a conectividade generalizada favorece a interação com outras pessoas e grupos, a produção de sentidos, a partilha e a circulação de informações e conhecimentos, permitindo-nos consumir, produzir, cocriar e compartilhar diferentes “*espaçotempos*”. Por fim, a convergência das mídias possibilita a reconfiguração cultural, na qual sistemas comunicacionais amplos, complementares e, às vezes antagônicos, coexistem, oferecendo maior pluralidade comunicacional, como, por exemplo, *blogs* produzidos por jornais e programas de televisão usados para comentar e divulgar suas

---

<sup>4</sup> Conjunto plural de espaços mediados por interfaces digitais, que simulam contextos do mundo físico, das cidades, suas instituições, práticas individuais e coletivas já vivenciadas pelos seres humanos ao longo de sua história (SANTOS, E., 2005).

notícias, além, de série, filmes e novelas estarem presentes em diferentes plataformas de *streaming*<sup>5</sup>.

A *Web 3.0*, ou *web* semântica, por sua vez, promete mudar ainda mais “os modos como as redes são usadas, na exploração das possibilidades da inteligência artificial, nas aplicações modulares, na gráfica tridimensional, na intensificação da conectividade e da convergência tecnológica” (SANTAELLA, 2010, p. 268). Nesta proposição espera-se que o advento dos algoritmos acompanhados dos movimentos de inteligência artificial que integrados ao grande bigdata (gigantesco volume de dados) sejam capazes de interpretar e aprender como abordado no documentário “Privacidade hackeada, 2019”, em vários episódios da série “Black Mirror, 2011” ou em “O dilema das redes, 2020” (todos disponíveis na Netflix).

Enquanto “Bitcoins” (moeda digital), NFTs (Token não fungível, um tipo de criptografia que cria algo único no digital, são obras de arte, itens colecionáveis, sons e infinitas possibilidades de exclusividade) e Metaverso (ambientes virtuais hiperrealistas, imersivos e coletivo) ocupam o cenário contemporâneo, se aguçamos nosso olhar para o que ocorre nos cotidianos escolares, percebemos que muitas instituições de ensino brasileiras precisaram de uma pandemia para aceitar, por exemplo, o uso de celulares em seu interior.

Não há dúvidas de que, de um modo geral, a educação não acompanhou essa evolução da internet *pari passu*. Muito pelo contrário. Mesmo diante da pandemia sanitária de COVID19, que assolou o viver da humanidade, a questão da falta de conexão às redes ainda é preocupante.

Face a este cenário cibercultural ao qual estamos todos inseridos atualmente, é urgente pensar em estratégias educativas a fim de organizar e criar ambiências que promovam suporte educacional aos estudantes público da Educação Especial que hoje chegam no Ensino Superior que requerem urgência de processos formativos docentes e (re)criação de práticas educativas na perspectiva da inclusão. Dito isto, observamos que para pensar ações de suporte educacional on-line é necessário incluir a perspectiva da ciberacessibilidade ou acessibilidade cibercultural, que são:

o conjunto de dispositivos, recursos, metodologias, estratégias e táticas que os praticantes culturais criam, desenvolvem e acionam para superar entraves, obstáculos, atitudes e/ou comportamentos que limitem ou impeçam a sua participação social. Através da mediação do uso de dispositivos culturais, ambientes, aplicativos e serviços para a utilização, com segurança e autonomia, de espaços, mobiliários, equipamentos urbanos, edificações, transportes, informação e comunicação, inclusive

---

<sup>5</sup> Sistema de distribuição de mídias digitais de fluxo de transmissão contínuo como: filmes, músicas, séries, podcasts. Como exemplos temos: Netflix, Spotify, Globo Play, etc..

seus sistemas e tecnologias na interface cidade–ciberespaço. (ALMEIDA; RODRIGUES. 2023, p.2)

Assumimos assim que o suporte educacional on-line para alunos com deficiência intelectual, do curso de Licenciatura em Educação Especial (LEE) da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), na construção de uma ambiência formativa mediada pelo digital em rede, emerge a partir de uma demanda cotidiana compreendendo que existem muitos desafios e obstáculos a serem superados pelo público da Educação Especial que chega no Ensino Superior e que é um direito humano do aluno acessar essa formação, com autonomia, segurança e participação plena.

### *Educação Especial e os Suportes Educacionais*

A Educação Especial é uma modalidade de ensino transversal, que com técnicas e recursos especializados próprios atua de forma colaborativa com a Educação Básica e com o Ensino Superior para garantir a inclusão e acessibilidade educacional aos estudantes com deficiência. É a partir dela, que diretrizes políticas e legais buscam se efetivar e se desdobram em práticas educativas para a construção da educação inclusiva. Aqui assumimos a inclusão, ainda que seja uma proposta polissêmica (PLETSCH, SÁ, MENDES, 2021), como um paradigma de política pública que, imerso nos pressupostos dos Direitos Humanos, visa induzir o acesso à educação aos grupos que historicamente sofrem processos de exclusão de direitos e por isso são apartados do direito de aprender em escolas de sua comunidade, junto aos pares de sua idade em um meio constituído pela/na diversidade. (PLETSCH, 2020 e PLETSCH E SOUZA, 2021).

Dada a complexidade da estrutura teórica, prática, filosófica e epistemológica em que se organiza a Educação Especial na perspectiva Inclusiva, como assim a concebemos, destacamos sua construção em meio a marcos legais, políticos e históricos que hoje permite que computemos mais de 1.350.000 matrículas da Educação Especial (em Escolas Especiais, Classes Especiais e Atendimento Educacional Especializado – AEE) na Educação Básica, sendo 93,5% de alunos, de 4 a 17 anos, matriculados na rede regular de ensino, como revela o Censo Escolar (BRASIL, 2022) e mais de 55 mil matrículas no Ensino Superior. Longe de serem dados estatísticos ideais para uma educação inclusiva que se almeja, observamos que sua construção histórica se deu (e se dá) mediante a muito trabalho, pesquisas, ensino, extensão, reivindicações por políticas públicas e acima de tudo, pela promulgação de que a escola é um direito de TODOS.

Ao observarmos numa perspectiva histórico-cultural, destacamos que o movimento da Educação Especial evolui de uma proposta que separava pela diferença (modelo médico da

deficiência), hoje busca pela inclusão na diversidade pautada nos direitos humanos e valorizando a diversidade que nos constitui.

Posto isto, com os pés fincados na contemporaneidade, sem abandonar a trajetória que nos trouxe até aqui, dentro deste arcabouço teórico, metodológico, prático e epistemológico construído com muito investimento em pesquisas e práticas educativas na Educação Especial, destacamos o suporte educacional como a base para a efetivação da educação inclusiva. Isto porque a garantia de acesso e permanência dos estudantes com deficiência em contexto do ensino comum se dá mediante a organização de um sistema de suporte educacional (material, pedagógico e humano) para que sejam construídos métodos, práticas de ensino e avaliação para o desenvolvimento e aprendizagem do estudante (GLAT, 2013). Desta forma, a concepção da Educação Especial como um sistema educativo especializado, que funciona à parte, dá espaço a concepção de uma Educação Especial como suporte à inclusão.

Posto isto, assumimos aqui a acessibilidade educacional como eliminação de barreiras pautada nos impeditivos à escola e a escolarização, sendo suporte educacional todo constructo que tenha por objetivo operar na desconstrução dessas barreiras, sendo uma grande contribuição para a perspectiva inclusiva da educação.

Neste sentido do suporte educacional, notamos um grande movimento de pesquisa e formação docente com um investimento na produção de meios e/ou materiais que promovem a acessibilidade ao currículo, aos espaços físicos destinados ao desenvolvimento de atividades educativas, bem como a organização de recursos tecnológicos importantes para o estudante com deficiência. Dentre o suporte educacional podemos tomar como exemplo desde engrossadores de lápis (que é um recurso simples de tecnologia assistiva (TA) que permite a pega no lápis quando há dificuldade de preensão palmar, já muito utilizado nas escolas e pelo AEE) como ampliação (aumento de tamanho de fonte da letra) da atividade realizada na turma para o desenvolvimento de uma proposta curricular. A TA tem por objetivo promover acesso ao contexto educativo, e atividades específicas, por meio de acessibilidade que aumentam a funcionalidade de estudantes com alguma deficiência e/ou limitação (OLIVEIRA, GONCALVES, BRACCIALI; 2021), e a partir do momento que subsidia e amplia a participação da pessoa com deficiência a escola e universidade torna-se um viés de efetivação da inclusão.

Quando se trata de suporte pedagógico, verificamos a organização de métodos e técnicas de ensino diferenciados que buscam aprimorar os meios e modos de ensinar na perspectiva da aprendizagem do aluno com deficiência. Aqui podemos tomar como ilustração a diversificação das atividades diante de um mesmo tema desenvolvido na aula. Desta forma, o estudante terá acesso ao conteúdo por outro caminho pedagógico de construção de conhecimento.

O suporte educacional também se materializa pela presença de todo e qualquer recurso humano disponível para a garantia de participação plena do estudante com deficiência nas propostas educativas desenvolvidas. Incluímos neste sentido desde a colaboração ativa de colegas de classe, a presença de um mediador escolar que acompanha nas atividades, bem como a ação do AEE com todo seu conjunto de frentes de ação intersetorial na garantia do direito de aprender sendo assim um grande viés de suporte educacional à educação inclusiva.

A construção de um sistema de suporte educacional se dá mediante a um processo de avaliação que acontece de maneira integrada e intersetorial. O professor do Atendimento Educacional Especializado é a pessoa que na escola possui recursos técnicos e formativos (especialista) para o desenvolvimento desta avaliação que buscará junto ao professor da classe comum, equipe pedagógica, família e instâncias intersetoriais identificar e propor o que é possível construir ou acessar, que pode potencializar o acesso ao currículo (numa concepção ampla do mesmo), a aprendizagem e aos espaços escolares.

Um aspecto relevante a ser destacado em relação às propostas de suporte educacional é que a construção deste repertório educativo promove benefícios para toda comunidade escolar. Os professores logram satisfação profissional pela garantia do direito de aprender de seus alunos com o acesso ao conteúdo desenvolvido, como também tem a oportunidade de aprendizagem de metodologias e práticas por muitas vezes desconhecidas, possíveis de serem desenvolvidas com a classe integralmente. Os estudantes com deficiência têm o seu direito de aprender preservado e ampliado à medida que há uma atenção ampliada a suas necessidades educacionais específicas. E toda a comunidade escolar cresce significativamente à medida que concebe a escola como um espaço de diversidade de aprendizagem e construção coletiva de conhecimento.

A realidade das escolas que hoje compõem o cenário educativo (salvo exceções) apresenta muitos desafios para a organização de sistemas de suporte educacional para a garantia da participação do aluno com deficiência nas classes comuns de ensino, e conseqüentemente, na promoção da educação inclusiva. A estrutura física das escolas, por meio de efetivação de diretrizes políticas de educação inclusiva (LBI, diretrizes do AEE, por exemplo) contribuem de maneira sistemática para a readequação dos espaços educativos. A falta de recursos humanos (professores, professores especialistas, mediadores de aprendizagem e suporte, funcionários de apoio escolar) é recorrente nos sistemas de educação (com um destaque para as escolas da Baixada Fluminense que historicamente sofre com o sucateamento da educação e carecem de efetivação de políticas públicas e investimentos). E por fim, é necessário investimentos e incentivos às pesquisas em Educação Especial na construção de parceria universidade escola com o objetivo de sistematização de processos de formação continuada que dialoguem com as demandas escolares e são capazes de grandes movimentos de mudanças de cultura a favor da inclusão, haja vista o trabalho desenvolvido pelo Observatório de Educação Especial e Inclusão

educacional (OBEE) que com suas pesquisas promovem formação continuada nas redes educativas da Baixada Fluminense.

Contudo, mesmo diante de um cenário que por muitas vezes pode parecer desanimador, é possível encontrar práticas educativas, experiências, vivências escolares repletas de sentido e significação capazes de nutrir o nosso esperançar, como nos apresenta Paulo Freire, que não espera o momento ideal e a condição perfeita para o fazer docente. Muito pelo contrário. É na dinâmica e complexidade da vida, que subvertemos a lógica dominante e seguimos construindo a Educação Especial na perspectiva Inclusiva, porque acreditamos no paradigma da Inclusão, como um direito humano pautado na diversidade das aprendizagens e dos saberes.

Reiteramos assim que a criação de sistemas de suporte educacional é capaz de sustentar as práticas de efetivação da Educação Inclusiva. E o aluno com deficiência consegue a garantia do seu direito de aprender a partir da implementação desse sistema. Com um destaque para que quando a escola assume o suporte educacional e o integra à sua prática educativa, contribui para a criação de uma cultura que acolhe a diversidade das aprendizagens e acredita no desenvolvimento pleno do educando, sendo este o grande desafio para toda a vida educativa do aluno, da Educação Infantil ao Ensino Superior.

#### *Suporte Educacional on-line no Ensino Superior*

O Suporte Educacional On-line é uma ação que realizou o acompanhamento de dois alunos com deficiência intelectual do curso de Licenciatura em Educação Especial da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Inicialmente, os alunos fizeram contato via e-mail com o NAI/UFRRJ relatando que estavam com dificuldades para acompanhar as atividades do curso EAD e desenvolver as propostas do semestre.

O curso de Licenciatura em Educação Especial da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro iniciou suas atividades no primeiro semestre de 2023 e se organiza na modalidade à distância. O curso formará professores para atuar na Educação Especial em diferentes segmentos, apresenta uma proposta curricular que pensa a Educação Especial na perspectiva da Inclusão e dos Direitos Humanos e por isso busca continuamente a organização de ambiências formativas acessíveis e observando o Desenho Universal na Aprendizagem (DUA). O curso se estrutura em um ambiente virtual de aprendizagem (AVA) na plataforma Moodle, em que desenvolve seus desenhos didáticos pautados nos Recursos Educacionais Abertos, aulas gravadas com interpretação em Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) e videotutorias, que são reuniões ao vivo agendadas pelos professores das disciplinas com os alunos do curso para um momento para sanar dúvidas e interagir com os alunos da EAD. Nesta Licenciatura também são ministradas aulas públicas com transmissão ao vivo no YouTube que contam com a

participação de professores pesquisadores referência nos temas da Educação Especial. Observamos também que o curso prima pelo trabalho colaborativo e desenvolve propostas em grupo através de projetos interdisciplinares que sugerem aos alunos a produção coletiva entre os pares, trabalhos, atividades e produções individuais e em grupos. Desta forma, não se trata de um curso EAD que opera na lógica da autoinstrução e sim pelos princípios da colaboração, da inclusão e da criatividade.

Desta forma, tanto o colegiado como os alunos, estão em contínua reflexão para a organização de suportes educacionais pensando na Educação Especial na EAD, tendo em vista os desafios que emergem deste cotidiano e que até então não eram previstos nas práticas educativas e formativas docentes.

Partindo da solicitação discente, identificamos que especificamente para alunos com Deficiência Intelectual, não havia uma proposta de suporte educacional estruturada, assim como para alunos surdos usuários de LIBRAS, que, por exemplo, encontram suporte de intérprete nas aulas do curso EAD. Para tanto, adotamos as interfaces on-line para a realização de reuniões (Google Meet) e o aplicativo do WhatsApp para acompanhamento de atividades da rotina acadêmica para identificar os principais desafios e organizar propostas de suporte educacional. Assim o suporte educacional on-line se materializa por meio de reuniões online e acompanhamento cotidiano via WhatsApp.

Esta pesquisa, de natureza qualitativa, foi desenvolvida na perspectiva da metodologia ciberpesquisaformação (SANTOS, 2015). Nesta o pesquisador, diante dos dilemas e implicações, cria uma ambiência formativa on-line para ir ao encontro dos praticantes culturais, os sujeitos da pesquisa, para assim com eles, em colaboração produzir os dados que tornar-se-ão os achados da pesquisa.

A partir da escuta sensível das demandas educativas advindas dos estudantes acompanhados nesta proposta online, dos encontros na, mapeamos a partir de uma perspectiva indutiva, três áreas comuns dos desafios apresentados: a gestão da rotina acadêmica, letramento digital e capacitismo. Desta forma, ações individuais e coletivas foram estruturadas a fim de superar esses obstáculos e criar condições, acessibilidade e garantia do direito de aprender desses alunos.

A gestão da rotina acadêmica diz respeito a organização da rotina de estudos, da conciliação do tempo para as atividades pessoais e acadêmicas, da agenda de organização dos trabalhos e avaliações do curso, da organização dos materiais de estudo, leitura dos textos acadêmicos e todas as demandas advindas de um estudante que ingressa no nível superior. Ambos os alunos desta ação de suporte educacional online, não estavam longe das salas de aula há muito tempo,

concluíram o Ensino Médio presencial há menos de 3 anos. Porém, a rotina acadêmica é diferente da rotina estudantil e muito diferente da rotina acadêmica de um curso EAD.

Partindo desta demanda, construímos juntamente com os alunos uma planilha de organização de tempo e uma agenda de atividades acadêmicas. Sugerimos que o horário de estudos e produção das atividades do curso, precisava ser necessariamente respeitado, já que agora a organização dos estudos se dá em um AVA não mais em uma sala de aula presencial. Esta noção precisou ser construída neste processo com os alunos com deficiência intelectual.

Os desafios no letramento digital (SANTOS, E. 2017) se deram na operacionalização das interfaces e tecnologias digitais utilizadas na implementação do curso EAD, observando que o acesso ao ambiente virtual de aprendizagem se dava pelos celulares dos alunos e as interfaces não apresentavam muitos recursos de acessibilidade. A ambientação na plataforma Moodle precisou ser um processo construído juntamente com os alunos através de oficinas e suporte pelo WhatsApp.

Os alunos também identificaram que o Moodle não apresentava um bom funcionamento a partir da interface app (aplicativo) nos celulares. Eles precisavam acessar a versão do computador nos celulares, o que causou também algumas questões de acesso à plataforma, pois a tela se tornou pequena para comportar a apresentação na versão do computador. Lembramos também aos alunos que o curso possui pólo presencial, porém pela distância de suas residências, tornou-se inviável frequentar o pólo. Também foi possível perceber que dos desafios mencionados, tanto a gestão da rotina acadêmica quanto o letramento digital são recorrentes entre os estudantes que iniciam sua trajetória acadêmica no Ensino Superior à distância. (GUBERT; MUELLER, 2020).

O capacitismo, discriminação da pessoa por motivo de deficiência, está posto na sociedade de maneira estrutural (CAMPBELL, 2008) e reverbera nas ações cotidianas que se apresentaram na rotina de um estudante com deficiência na universidade, mesmo na EAD. A proposta de desenvolvimento deste curso, especificamente, prima pelo trabalho colaborativo entre os estudantes, sendo assim, as atividades desenvolvidas requerem interatividades entre os participantes, cooperação e colaboração. Desta forma os estudantes trouxeram essa questão ao desenvolverem as atividades em grupo. Relataram dificuldades de aceitação do grupo, que muitas vezes os deixavam de lado diante de decisões e discussões, impaciência diante das falas que os alunos apresentavam e que com isso os alunos se sentiam deixados de fora das atividades desenvolvidas. Desta forma, foram realizadas ações coletivas comuns ao colegiado do curso a fim de desinvisibilizar práticas estudantis que estavam sustentando o preconceito. Um dos alunos com deficiência intelectual encontrou um novo grupo de trabalho que sensivelmente nos

ajudou a construir essa ambiência formativa para que todos pudessem avançar no desenvolvimento das atividades.

## POSSIBILIDADES PARA A INCLUSÃO NO ENSINO SUPERIOR

Diante deste cenário em que o Ensino Superior recebe constantemente as demandas dos alunos da Educação Especial, e que não há uma estrutura de propostas já estabelecida dos suportes educacionais no Ensino Superior, a construção destas propostas se dá a partir de um movimento de uma Pedagogia Descapacitista, como propõe Alvernaz (2022).

Pedagogia Descapacitista é um caminho para a construção da Educação Inclusiva, envolve todos os processos de *ensinaraprender* a partir da potência em detrimento as (in)capacidades, assumindo a diversidade que nos constitui como fonte criativa e insumo para *propostasoutras* que ressignificam aulas, escolas, espaços de aprendizagem, agentes educativos e o currículo. Nossa experiência educativa até aqui foi forjada no bojo Capacitista de produção de conhecimento, não tivemos como repertório em nossas memórias de vida e formação subsídio para nos constituirmos anticapacitistas. Deste modo, também assumimos a Pedagogia Descapacitista, como um ato criativo, colaborativo e inventivo no sentido de mover uma energia coletiva de construção dos processos de *ensinaraprender* a sermos Anticapacitistas. (2023, p.410 - 411)

Assumimos assim, que existe uma necessidade urgente de superação da cultura capacitista que atravessa todo nosso processo educativo, e que no Ensino Superior, como uma demanda cotidiana a partir do ingresso dos estudantes com deficiência na Universidade, temos a urgência de pensar políticas públicas que não garantam apenas o acesso e a permanência deste aluno a Universidade, como também a conclusão dos cursos.

A proposta de uma Pedagogia Descapacitista sugere que a cultura anticapacitista é construída em processo, repensando práticas já instituídas e criando *formasoutras* de *ensinaraprender* compreendendo a diversidade que nos constitui como fonte criativa no processo educativo.

(...) a Pedagogia Descapacitista também sugere o movimento formativo experiencial que valoriza o conhecimento advindo da prática educativa docente, assumindo a autoria (docente e discente) na centralidade dos processos. É a partir da relação dialógica e aprendente entre professor, aluno, escola e comunidade que é possível propor, criar e forjar aquilo que é potente em cada aluno, em cada momento de aprendizagem, em cada prática. (ALVERNÁZ, 2023, p.411)

Desta forma, a perspectiva criativa das propostas da Pedagogia Descapacitista observamos que o suporte educacional on-line, que aconteceu em um curso de modalidade EAD, torna-se possível de ser organizado para atender as demandas de alunos, tanto na modalidade online quanto presencial, compreendendo a potência do digital em rede e a necessidade de integrá-lo

nas práticas educativas.

Compreendendo que a superação do capacitismo é essencial para avançarmos enquanto sociedade e perspectiva humana, assumimos que será num contínuo que avançaremos na construção da acessibilidade, tão necessária para a efetivação dos processos educativos. Assim, destacamos que a formação de professores, na perspectiva de uma Pedagogia Descapacitista, torna-se essencial à medida que questiona as práticas instituídas e assume a criação cotidiana como parte das práticas educativas. Não está pronto, está em devir.

## CONCLUSÃO

O objetivo deste artigo foi apresentar uma ação de suporte educacional on-line a dois estudantes com deficiência intelectual do curso EAD da Licenciatura em Educação Especial da UFRRJ. Desta forma observamos que a potência do digital em rede possibilitou a efetivação da proposta, sendo possível o seu desenvolvimento em outras modalidades de ensino.

A inclusão dos estudantes com deficiência no Ensino Superior é uma demanda crescente no cenário educativo. Desta forma, a organização de suportes educacionais (materiais, humanos, pedagógicos) podem ser potencializados com a inclusão do digital em rede na elaboração e invenção das práticas que se dão sob demanda cotidiana, para além do espaço do NAI e setores específicos de acessibilidade e inclusão.

Destacamos que os desafios mencionados pelos estudantes com deficiência intelectual que acionaram o suporte educacional on-line, a gestão da rotina acadêmica, letramento digital, são desafios recorrentes dos alunos que realizam cursos EAD. Porém, as questões relativas a atitudes capacitistas vivenciadas pelos estudantes com deficiência em diferentes esferas e níveis, nos trouxe um alerta a fim de que se construa um movimento de informação e formação para a superação de práticas silenciosas (ou não) do capacitismo na comunidade universitária. Observando assim as propostas de uma Pedagogia Descapacitista que busca um movimento de desinvisibilizar o capacitismo e possibilitar *formasoutras* de *ensinaraprender* a fim de construirmos uma cultura institucional inclusiva.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Wallace Carriço.; Rodrigues, Ignez de Oliveira Felix. Tecnologias assistivas e ciberacessibilidade: experiências inclusivas nos territórios físicos, simbólicos e informacionais.

In: ANAIS DO 10º CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL, 2023, São Carlos. **Anais eletrônicos**. Campinas, Galoá, 2023. Disponível em: <<https://proceedings.science/cbee/cbee-2023/trabalhos/tecnologias-assistivas-e-ciberacessibilidade-experiencias-inclusivas-nos-territo?lang=pt-br>> Acesso em: 09 Mar. 2024

ALVERNAZ, Aline. Formação Continuada online de Professores de Educação Física para a Inclusão: forjando uma PEDAGOGIA DESCAPACITISTA. 2022. 231 p. **Tese** (Doutorado em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares). Instituto de Educação/Instituto Multidisciplinar, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica/Nova Iguaçu, RJ, 2022. Disponível em: <https://rima.ufrjr.br/jspui/handle/20.500.14407/9938>

ALVERNAZ, Aline. Pedagogia Descapacitista. In: SILVA, A. L. G.; SALVADORI, J. C.; SILVA, O.S.F. (org). **Abecedário Pedagógico sob rasura: educação e(m) diversidade**. Salvador, BA : Jornal Editora Alecrim, 2023. Disponível em: <https://www.jornalalecrim.com/2024/04/abecedario-pedagogico-sob-rasura.html>

BRASIL. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. **Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência**. Brasília, 2015.

BRASIL. **Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília, 2008.

BRASIL. Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília: MEC, 1996

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). **Censo da Educação Básica 2021**: notas estatísticas. Brasília, DF: Inep, 2022.

CAMPBELL, Fiona Kumari. Refusing Able(ness): a preliminary conversation about Ableism. **M/C Journal**, [S.l.], v. 11, n. 3, 2008. Acesso em: 20 fev. 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.5204/mcj.46> .

GLAT, Rosana. **Educação Inclusiva: cultura e cotidiano escolar**. Editora 7 letras, 2. ed. 2013.

GUBERT, Antonio Luiz; MUELLER, Fernanda. Letramento digital: desafios nos cursos de educação a distância - EAD. **Revista Multitexto**, 2020, V. 8, N. 01. Acesso em: 20 fev 2024. Disponível em: <https://www.ead.unimontes.br/multitexto/index.php/rmcead/article/view/428/240>

LEMOS, André. **Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. Porto Alegre: Sulina, 2004.



MENDES, Enicéia Gonçalves; VILARONGA, Carla Ariela Rios; ZERBATO, Ana Paula. **Ensino Colaborativo como apoio à Inclusão Escolar**. 1. ed. São Carlos - SP: EDUFSCar, 2022.

OLIVEIRA, Amália Rebouças de Paiva e; GONCALVES, Adriana Garcia; BRACCIALI, Lígia Maria Presmido. Desenho universal para aprendizagem e tecnologia assistiva: complementares ou excludentes? **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 16, n. esp. 4, p. 3020-3033, dez. 2021

OLIVEIRA, Mariana Correia Pitanga de. **Por uma ciência do humano: a linguagem e o pensamento computacional em uma perspectiva inclusiva** [livro eletrônico]. Campos dos Goytacazes, RJ: Encontrografia, 2022.

PLETSCH, Márcia Denise. O que há de especial na educação especial brasileira?. **Momento - Diálogos em Educação**, [S. l.], v. 29, n. 1, p. 57-70, 2020.

PLETSCH, Márcia Denise, SOUZA, Flávia Faissal. Educação comum ou especial? Análise das Diretrizes de Educação Especial Brasileira. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, v. 16, n. 2, p. 1286-1306, 2021

PLETSCH, Márcia Denise; SA, Miriam Ribeiro Calheiros de; MENDES, Giovana Mendonça Lunardi. A FAVOR DA ESCOLA PÚBLICA: a intersetorialidade como premissa para a educação inclusiva. **Teias** (Rio de Janeiro), v. 22, p. 11-26, 2021

PLETSCH, Márcia Denise; CAVALCANTE, Lucélia Cardoso; MELO, Francisco Ricardo Lins Vieira. Acessibilidade e inclusão de pessoas com deficiência na Educação Superior: experiências e desafios contemporâneos. *In: Educação superior, inclusão e acessibilidade: reflexões contemporâneas*. MELO, Francisco Ricardo Lins V.; GUERRA, Érica Simony F. M.; FURTADO, Margareth Maciel F. D. (Orgs.). Campos dos Goytacazes (RJ): Encontrografia, 2021.

SANTAELLA, Lúcia. **A ecologia pluralistada comunicação: conectividade, mobilidade, ubiquidade**. São Paulo: Paulus, 2010.

SANTOS, Edméa. **Pesquisa-formação na Cibercultura**. Teresina: EDUFPI, 2019.

SANTOS, Edméa. **Educação Online: cibercultura e pesquisa-formação na prática docente**. 2005. 351 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2005. Disponível em: [https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/11800/1/Tese\\_Edmea%20Santos1.pdf](https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/11800/1/Tese_Edmea%20Santos1.pdf). Acesso em: 4 nov. 2020.



SANTOS, Edméa. Letramento digital: por uma atuação autoral na ciberultura. *In*: SANTOS, Edméa; SANTOS, Rosemary; PORTO, Cristiane de Magalhães. (ORG). **Múltiplas linguagens nos currículos**. João Pessoa – PB: EDITORA DA UFPB, 2017.

UNESCO. **Declaração de Salamanca sobre princípios, políticas e práticas na área das necessidades educativas especiais**. UNESCO, 1994.

UNESCO. **Declaração Mundial sobre Educação para todos**. UNESCO, 1990.



Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos da Licença Creative Commons Atribuição Não Comercial-Compartilha Igual (CC BY-NC- 4.0), que permite uso, distribuição e reprodução para fins não comerciais, com a citação dos autores e da fonte original e sob a mesma licença.